REVISTA BAIANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

CC BY NC SA

ARTIGO

https://doi.org/10.47207/rbem.v7i1.27743

Sonhar, gastar ou guardar? O que crianças revelam ao imaginar cem reais em suas mãos?[1]

VIEIRA, Glauciane
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestra em Educação Matemática e Tecnológica.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8879-9950. E-mail:vieira.0318@gmail.com

PESSOA, Cristiane
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Educação.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5434-8999. E-mail: cristiane.pessoa@ufpe.br

Resumo: O presente artigo é um recorte de um estudo maior, que teve o objetivo de analisar como estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, de diferentes contextos socioeconômicos, posicionam-se diante de uma situação de Educação Financeira (EF) envolvendo o valor e uso do dinheiro. Embasada no Modelo dos Campos Semânticos e de natureza qualitativa, a pesquisa contou com a participação de dez estudantes de cinco escolas distintas. O estudo foi desenvolvido em torno da pergunta geradora: *"O que Tito [uma criança fictícia] poderia fazer se ganhasse R$100,00?"* A produção de dados se deu por meio de entrevistas remotas, permitindo que os estudantes expressassem livremente suas percepções, desejos e intenções relacionadas ao uso do dinheiro. Os dados revelaram que, independentemente do contexto socioeconômico e do tipo de instituição de ensino frequentada, os estudantes demonstram compreensão acerca do valor e do uso do dinheiro e, de um modo geral, apresentaram escolhas marcadas por uso consciente, envolvendo práticas como poupança, consumo planejado e, em alguns casos, atitudes de solidariedade. Os resultados indicam que os estudantes possuem noções de EF, evidenciando que o entendimento sobre o dinheiro não está restrito a um único contexto social, mas é construído a partir de múltiplas experiências vivenciadas no cotidiano.
Palavras-chave: Educação Financeira. Valor do dinheiro. Uso do dinheiro. Contexto socioeconômico. Tomada de decisão.

Dream, spend, or save? What do children reveal when they imagine a hundred reais in their hands?

Abstract: This article is an excerpt from a larger study, that aimed to analyze how fifth-grade elementary school students from different socioeconomic backgrounds respond to a financial education (FE) situation involving the value and use of money. Based on the Semantic Fields Model and qualitative in nature, the research involved ten students from five different schools. The study was developed around the following question: "What could Tito [a fictional child] do if he won R$100.00?" Data was collected through remote interviews, allowing students to freely express their perceptions, desires, and intentions related to the use of money. The data revealed that, regardless of socioeconomic context and type of educational institution attended, students demonstrate an understanding of the value and use of money and, in general, made choices marked by conscious use, involving practices such as saving,

[1] Pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe), sob o número 1094-7.08/18.

planned consumption, and, in some cases, attitudes of solidarity. The results indicate that students have notions of FE, showing that understanding about money is not restricted to a single social context, but is built from multiple experiences in everyday life.
Keywords: Financial education. Value of money. Use of money. Socioeconomic context. Decision making.

¿Soñar, gastar o ahorrar? ¿Qué revelan los niños cuando imaginan cien reales en sus manos?

Resumen: El presente artículo es un extracto de un estudio más amplio, cuyo objetivo era analizar cómo se posicionan los alumnos de 5.º curso de la enseñanza primaria, procedentes de diferentes contextos socioeconómicos, ante una situación de educación financiera (EF) relacionada con el valor y el uso del dinero. Basada en el modelo de campos semánticos y de naturaleza cualitativa, la investigación contó con la participación de diez alumnos de cinco escuelas diferentes. El estudio se desarrolló en torno a la pregunta generadora: «¿Qué podría hacer Tito [un niño ficticio] si ganara 100 reales?». La producción de datos se realizó mediante entrevistas remotas, lo que permitió a los estudiantes expresar libremente sus percepciones, deseos e intenciones relacionadas con el uso del dinero. Los datos revelaron que, independientemente del contexto socioeconómico y del tipo de institución educativa a la que asisten, los estudiantes demuestran comprender el valor y el uso del dinero y, en general, presentaron elecciones marcadas por un uso consciente, que implican prácticas como el ahorro, el consumo planificado y, en algunos casos, actitudes de solidaridad. Los resultados indican que los estudiantes tienen nociones de educación financiera, lo que evidencia que la comprensión del dinero no se limita a un único contexto social, sino que se construye a partir de múltiples experiencias vividas en el día a día.
Palabras clave: Educación financiera. Valor del dinero. Uso del dinero. Contexto socioeconómico. Toma de decisiones.

Introdução

A Educação Financeira (EF) constitui-se como um tema fundamental da vida em sociedade, manifestando-se desde a infância e exercendo influência direta sobre o modo como as pessoas organizam, planejam e conduzem suas escolhas econômicas ao longo da vida, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Ainda que muitos conceitos financeiros pareçam complexos para crianças, é no ambiente doméstico que se dá o primeiro contato com essa temática. Conversas cotidianas entre pais e responsáveis - como observações sobre o aumento do preço de alimentos, a falta de dinheiro para suprir necessidades básicas, o “malabarismo” que precisa ser feito para que as contas da casa sejam pagas a partir do que se recebe de salário ou de programas sociais, a necessidade de economizar ou a comparação entre diferentes produtos - funcionam como elementos introdutórios em uma discussão econômica. Dessa maneira e do nosso ponto de vista, a família atua como o primeiro espaço de socialização

financeira, no qual, desde cedo as crianças observam comportamentos, internalizam valores e desenvolvem percepções iniciais sobre distribuição de renda, direitos, deveres, consumo, poupança, prioridades, dentre outros aspectos.

Nesta perspectiva, mesmo sem compreensão formal dos mecanismos econômicos, as crianças percebem esses diálogos de maneira intuitiva. A partir de observações simples, como "o preço dos produtos no mercado está mais caro" ou "não podemos comprar tal item agora", elas (crianças) começam a construir noções ainda rudimentares de custo, escassez, valor do dinheiro, necessidade e desejo. Gradualmente, tais percepções convertem-se em comportamentos observáveis no cotidiano, como a forma de lidar com pequenas quantias recebidas, o entendimento sobre trocas, ou a elaboração de preferências de consumo. Estudos de Mandell (2008) e Lusardi (2019) apontam que esses aprendizados precoces influenciam significativamente hábitos financeiros na vida adulta, evidenciando a importância de abordagens estruturadas de EF desde os primeiros anos.

No entanto, o uso do dinheiro, assim como as percepções sobre valor, consumo, investimento ou poupança, variam amplamente entre famílias e contextos socioculturais. Não existe um modelo único que determine como cada indivíduo deve administrar seus recursos; ao contrário, práticas financeiras são moldadas por experiências pessoais, crenças familiares, oportunidades de aprendizagem e influências externas, como mídia e publicidade, por exemplo. A crescente presença de especialistas em finanças pessoais, educadores, economistas comportamentais e influenciadores digitais reforça o quanto a sociedade contemporânea busca orientação sobre o tema.

Nesse contexto, torna-se fundamental questionar: como crianças entendem o conceito de dinheiro? Possuem consciência financeira? Quais significados atribuem ao uso do dinheiro?

No âmbito escolar, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) reforça a relevância da EF e a propõe como uma competência transversal. Apesar de conceber a EF como tema transversal, a BNCC foca o trabalho com esta temática em aspectos meramente matemáticos, concentrando explicitamente e prioritariamente as possibilidades de trabalho com a EF nas habilidades relacionadas à porcentagem, como pode ser observado nas habilidades (EF05MA06), (EF06MA13), (EF07MA02), (EF09MA05) (Brasil, 2018).

Essa abordagem restrita tende a reduzir a Educação Financeira a procedimentos técnicos e operacionais, desconsiderando sua dimensão crítica, social, ética e cidadã. Ao limitar a EF ao cálculo e à aplicação de porcentagens, a BNCC deixa em segundo plano discussões fundamentais relacionadas ao uso do dinheiro, consumo consciente, ao endividamento, às desigualdades socioeconômicas, à distribuição de renda, à influência da mídia e do mercado financeiro nas escolhas individuais, bem como à formação de sujeitos capazes de tomar decisões financeiras de maneira autônoma e responsável. Dessa forma, embora reconheça a importância da EF, o documento curricular não explicita, de maneira consistente, estratégias que promovam uma compreensão ampliada e contextualizada das práticas financeiras no cotidiano dos estudantes.

A perspectiva de EF que defendemos se amplia em relação à visão da BNCC. Defendemos, conforme Mazzi, Hartmann e Pessoa (2024), que educar financeiramente

> é elucidar a existência de um sistema neoliberal perverso, que visa ao lucro infinito, sem se preocupar em destruir pessoas, meio ambiente, ou seja lá o que possa aparecer no caminho como *empecilho* para que essa riqueza sem fim seja alcançada. Ser educado financeiramente é saber ler como o capitalismo impacta nas relações humanas e propor modos de combater e transformar as injustiças causadas e reforçadas por ele, visando à Justiça Social (Mazzi, Hartmann; Pessoa, 2024, p. 21).

Assim, entendemos que a Educação Financeira precisa visar ao desenvolvimento coletivo e solidário, com respeito ambiental e ético, buscando pela dignidade dos minorados da sociedade mundial, tão explorados ao longo de gerações. Assim, como os autores supracitados, intencionamos que não apenas se discuta, mas que se lute contra a desigualdade social e a má distribuição de renda, que se possa refletir sobre o papel do salário mínimo e que este possa levar dignidade para a população que dele vive, que se discuta sobre golpes e fraudes financeiras, de modo a proteger a população, sobretudo a mais vulnerável. Assim, Educação Financeira é saber ler como o capitalismo e o neoliberalismo impactam nas relações humanas, sociais, ambientais, políticas, éticas, estéticas e culturais e propor modos de combater e transformar as injustiças por eles causadas e reforçadas, visando à Justiça Social (Mazzi; Hartmann; Pessoa, 2024).

Desse modo, a introdução de conhecimentos financeiros na infância não se limita à compreensão de números e operações matemáticas ou finanças individuais, envolve também

um olhar coletivo, social, político, crítico ao sistema capitalista e ao neoliberalismo, além do desenvolvimento de habilidades como autocontrole, organização e tomada de decisão. Tais habilidades, quando desenvolvidas precocemente, podem favorecer uma visão mais crítica do mundo, da sociedade e das gestões, e uma relação mais equilibrada com o consumo e com o planejamento financeiro ao longo da vida, relacionando finanças individuais com aspectos sociais e coletivos.

O recorte que fazemos no presente estudo se relaciona com tomada de decisão individual, mas com um olhar para a situação socioeconômica das crianças participantes. Diante da relevância crescente desse tema, investigar como crianças percebem o dinheiro torna-se uma tarefa fundamental para compreender os caminhos da EF nas famílias e nas escolas. Com o intuito de explorar essas percepções, foram propostas duas perguntas às crianças participantes da pesquisa: (1) O que Tito (uma criança fictícia) poderia fazer se ganhasse R$100,00? (2) O que você faria se ganhasse R$100,00? Essas indagações podem permitir acessar não apenas preferências de consumo, mas também noções de valor, expectativas, influências culturais, influências socioeconômicas, conhecimentos prévios e percepção financeira que as crianças já possuem.

Isso posto, este estudo teve como objetivo analisar como estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, de diferentes contextos socioeconômicos, posicionam-se diante de uma situação de Educação Financeira, envolvendo o valor e o uso do dinheiro. Inicialmente, os participantes foram convidados a indicar o que acreditavam que Tito, um personagem fictício, poderia fazer ao receber esse valor. Em um segundo momento, a mesma questão foi direcionada aos próprios estudantes, permitindo observar se haveria mudanças na tomada de decisão quando o sujeito da escolha deixava de ser o outro e passava a ser o próprio respondente. Essa comparação parte do pressuposto de que julgar a ação alheia pode envolver critérios distintos daqueles mobilizados quando a decisão implica responsabilidade pessoal.

Na sequência, serão apresentados os principais pontos da BNCC (Brasil, 2018) relacionados à EF e à tomada de decisão.

Educação Financeira e tomada de decisão à luz da BNCC

A BNCC é importante, no sentido de buscar garantir direitos à educação de pessoas dos diferentes lugares do Brasil. De acordo com Calazans, Silva e Nunes (2021), este documento é importante para a área educacional, uma vez que define perspectivas para a escolarização dos discentes durante a Educação Básica ao estabelecer as aprendizagens e áreas de conhecimento que integrarão os currículos e propostas pedagógicas e define as competências e habilidades que os alunos deverão estudar em cada disciplina escolar. No entanto, este documento foi produzido a partir de muitas controvérsias, de correlação de forças entre sociedade política e sociedade civil e entre setores públicos e privados e de luta política e ideológica. Muitas críticas são feitas a este documento. Calazans, Silva e Nunes (2021) destacam algumas das contradições da Base: "a alfabetização em dois anos, o ensino cronológico na disciplina de História, discordâncias sobre o Ensino Religioso e a exclusão de referências a gênero" (Calazans, Silva e Nunes, 2021, p. 1658). Outras contradições apontadas por estes autores se relacionam ao baixo ou nulo destaque para grupos que vivenciam uma luta histórica de reivindicação em prol do reconhecimento do direito à educação de acordo com as suas particularidades, tais como Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação do Campo, Educação para as Relações Étnico-raciais e a invisibilidade dos indígenas e quilombolas e da Educação Inclusiva.

À luz da Educação Matemática Crítica, conforme discutida por Skovsmose (2001, 2014), entendemos que a abordagem proposta pela BNCC mostra-se limitada, uma vez que privilegia uma racionalidade técnica em detrimento da problematização das práticas sociais mediadas pela Matemática. Para o autor, o ensino da Matemática (por extensão, entendemos que da Educação Financeira também) pode possibilitar aos estudantes a leitura crítica da realidade, especialmente no que se refere às relações de poder, às desigualdades sociais e aos processos de tomada de decisão em contextos reais. Nessa mesma direção, Muniz (2016) defende uma Educação Financeira que ultrapasse o domínio de procedimentos matemáticos, incorporando reflexões sobre consumo, crédito, planejamento financeiro e responsabilidade social. Assim, ao restringir a Educação Financeira a habilidades essencialmente operacionais, a BNCC distancia-se de uma perspectiva formativa que favoreça a construção da autonomia, da criticidade e da participação consciente dos sujeitos nas práticas econômicas da sociedade contemporânea.

Um outro ponto de crítica que trazemos à BNCC é a forma como a Educação Financeira é abordada no documento. Apesar de a EF ser tema transversal e integrador, ela é citada

primordialmente em habilidades de Matemática e relacionada a apenas um conteúdo, o de porcentagem. Entretanto, consideramos que, embora não seja da melhor forma e nem na perspectiva que defendemos, a temática constar no documento traz uma grande possibilidade de que seja trabalhada em salas de aula brasileiras e a nossa discussão a partir deste ponto do texto versará sobre aspectos do texto da Base que podem potencializar o trabalho com a EF.

A EF assume papel fundamental na formação dos estudantes, uma vez que pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do pensamento crítico diante das escolhas cotidianas. A BNCC estabelece dez competências gerais que orientam a Educação Básica, dentre as quais algumas dialogam diretamente com a EF.

A Competência Geral 2 enfatiza o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e criativo, ao incentivar o estudante a investigar, refletir, analisar informações e tomar decisões fundamentadas (Brasil, 2018). Essa competência é importante quando se trata do uso do dinheiro, pois envolve a capacidade de avaliar possibilidades, compreender consequências e realizar escolhas conscientes, mesmo em situações fictícias ou simuladas.

Outro aspecto relevante é a Competência Geral 6, que trata do trabalho e do projeto de vida, ressaltando a importância de o estudante fazer escolhas alinhadas a princípios como responsabilidade, autonomia e planejamento (Brasil, 2018). A compreensão do valor do dinheiro, bem como a forma como ele é utilizado, está diretamente relacionada à construção desse projeto de vida, uma vez que decisões financeiras impactam tanto o presente quanto o futuro do indivíduo.

No que se refere à tomada de decisão, a BNCC compreende essa habilidade como um processo que deve ser desenvolvido progressivamente ao longo da escolarização, por meio de situações que desafiem os estudantes a refletir, argumentar e posicionar-se diante de problemas reais ou contextualizados (Brasil, 2018). Ao propor atividades que envolvem escolhas financeiras, como decidir o destino de uma determinada quantia em dinheiro, a escola contribui para que os estudantes desenvolvam a capacidade de avaliar necessidades, desejos e prioridades, fortalecendo sua autonomia.

Para além do trabalho com porcentagem, a área de Matemática tem forte articulação com a EF, ao propor o trabalho com situações-problema relacionadas a grandezas, medidas, operações e sistema monetário. A BNCC orienta que o ensino da Matemática esteja conectado

ao cotidiano dos estudantes, possibilitando a compreensão do uso social do dinheiro e promovendo reflexões sobre consumo, planejamento e organização financeira (Brasil, 2018). Dessa forma, o dinheiro deixa de ser apenas um objeto de cálculo e passa a ser compreendido como um recurso que exige responsabilidade e consciência em seu uso.

Entender a compreensão financeira dos estudantes torna-se, portanto, um aspecto central para o planejamento de práticas pedagógicas significativas. A BNCC destaca a importância de considerar os conhecimentos prévios, as vivências e os contextos socioculturais dos alunos, respeitando a diversidade e promovendo a equidade no processo educativo (Brasil, 2018). Investigar como estudantes de diferentes contextos socioeconômicos percebem o valor do dinheiro permite identificar valores, crenças e comportamentos que influenciam suas decisões financeiras.

Nesse sentido, conhecer a consciência financeira dos estudantes possibilita à escola atuar de forma mais intencional na promoção de uma EF que contribua para a formação de cidadãos críticos e responsáveis. Ao estimular reflexões sobre o uso consciente do dinheiro desde cedo, a escola trabalha no sentido de auxiliar os estudantes a enfrentarem os desafios econômicos da vida adulta.

Assim, a EF, entendida como um processo formativo contínuo e transversal, mostra-se essencial para o desenvolvimento da tomada de decisão consciente, do planejamento e da responsabilidade social, reafirmando a importância de sua abordagem desde os anos iniciais da escolarização.

A presente pesquisa, ao investigar como estudantes de diferentes contextos socioeconômicos responderiam a uma situação fictícia envolvendo o ganho e o uso de R$100,00, dialoga com as proposições da BNCC ao propor uma reflexão sobre escolhas, valores e uso consciente do dinheiro. Essa situação-problema permite analisar como estudantes mobilizam conhecimentos, experiências e valores construídos ao longo de suas vivências escolares e sociais, aspecto valorizado pela BNCC ao reconhecer os conhecimentos prévios dos estudantes como ponto de partida para o processo educativo. A seguir, apresentamos nossa discussão teórica.

Discussão teórica

Neste estudo, adotamos o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) como referencial teórico, por se tratar de uma abordagem amplamente utilizada em pesquisas na área de Educação Financeira e voltada à compreensão dos processos de produção de significados e conhecimentos dos sujeitos (Lins, 2012). Embora o MCS tenha se originado no âmbito da Educação Matemática, sua natureza permite a aplicação em diferentes contextos, especialmente naqueles que buscam compreender como os indivíduos argumentam, justificam e tomam decisões, como é o caso das situações que envolvem o uso do dinheiro.

O MCS fundamenta-se na análise dos processos, e não na verificação de respostas corretas ou incorretas, priorizando a compreensão do que os sujeitos dizem, por que dizem e como produzem significados em uma determinada atividade (Lins, 1999). Nesse sentido, o modelo possibilita analisar como estudantes constroem sentidos para o dinheiro a partir de suas crenças, afirmações e justificações, elementos que constituem o conhecimento segundo essa perspectiva teórica (Lins, 1999).

Um conceito central do MCS é o de Campo Semântico, entendido como o processo de produção de significados em relação a um núcleo no interior de uma atividade. No contexto deste estudo, a situação fictícia envolvendo o recebimento de R$100,00 configura-se como esse núcleo, a partir do qual os estudantes produzem diferentes significados, influenciados por suas experiências, contextos socioeconômicos e legitimidades discursivas. Esses significados emergem por meio das ações enunciativas dos participantes, direcionadas a interlocutores por eles constituídos.

A análise dos dados também se apoia na noção de espaço comunicativo, compreendido como a relação entre autor, texto e leitor. Os estudantes assumem a posição de autores ao expressarem suas falas, que se constituem em textos a serem interpretados pelo pesquisador, enquanto leitor. Para essa interpretação, recorre-se à leitura plausível ou positiva, que busca compreender a coerência interna das falas dos participantes, evitando julgamentos baseados na falta ou no erro, e respeitando as lógicas próprias de cada sujeito (Lins, 2012).

Dessa forma, o uso do MCS neste estudo permite analisar como estudantes de diferentes contextos socioeconômicos produzem significados e conhecimentos ao se posicionarem diante de uma situação de Educação Financeira. A abordagem possibilita compreender as diferentes

maneiras de pensar, justificar e decidir sobre o uso do dinheiro, contribuindo para uma análise aprofundada da consciência financeira dos estudantes, sem hierarquizar ou classificar suas respostas como certas ou erradas.

Procedimentos metodológicos

Em nosso estudo temos como objetivo geral analisar como estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, de diferentes contextos socioeconômicos, posicionam-se diante de uma situação de Educação Financeira, envolvendo o valor e o uso do dinheiro. Especificamente, buscamos entender quais os significados (Lins, 2012) que estudantes de diferentes realidades socioeconômicas atribuíam para o uso e o valor do dinheiro. Justificamos a escolha por estudantes do 5º ano, por ser esta a etapa final dos anos iniciais do Ensino Fundamental e por esta temática estar explicitamente colocada em habilidades da BNCC (Brasil, 2018) a partir do 5º ano.

Com vistas a atender nosso objetivo, realizamos entrevistas remotas - de modo individual - com dez estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, de cinco escolas da Região Metropolitana da cidade do Recife. O critério que escolhemos para diferenciar os contextos socioeconômicos das instituições foi: para as escolas privadas, o valor da mensalidade, para as escolas públicas, a localização (escola da zona urbana e escola do campo/zona rural). Desse modo, as escolas privadas participantes tinham os seguintes valores para o 5º ano do Ensino Fundamental em 2021, ano em que foi feita a coleta e produção de dados: R$ 1.570,00 (Escola A); R$ 700,00 (Escola B); R$ 270,00 (Escola C) e as Escolas D e E são públicas municipais, a primeira localizada em bairro periférico, na zona urbana, e a segunda, no campo (zona rural). Portanto, o que diferencia as escolas são as suas mensalidades, no caso das escolas privadas, ou a característica de ser pública e a zona onde está localizada.

Pretendíamos realizar as entrevistas de modo presencial, mas em virtude da Pandemia do Covid-19 que se alastrou pelo mundo e pelo nosso Estado, por medidas de segurança, optamos por coletar e produzir os dados a distância. Por estarmos vivenciando um momento atípico e por existirem dificuldades em ter acesso à sala de aula virtual das escolas, as crianças participantes do estudo foram escolhidas por conveniência. Antes de produzirmos os dados,

enviamos para os pais e responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que se inteirassem da pesquisa e autorizassem a participação do/da seu/sua filho/filha no estudo. Conforme a ordem em que as autorizações chegavam, marcávamos previamente um dia e um horário específico para realizarmos as entrevistas, de modo a não chocar com as atividades escolares dos estudantes.

Desse modo, escolhemos fazer vídeo chamadas pelo aplicativo *WhatsApp*, por ser um meio de comunicação de fácil manuseio, acessível aos estudantes e para evitarmos influência de terceiros nas respostas das crianças. Também utilizamos um *software* para gravar em áudio as entrevistas, por nos permitir reviver o momento e entender os significados que estavam sendo produzidos.

A situação de Educação Financeira proposta neste estudo baseou-se na narrativa de Tito, um garoto fictício que recebeu R$100,00 como presente de aniversário e não sabia como utilizar o dinheiro. Inicialmente, os estudantes foram convidados a indicar o que sugeririam que Tito fizesse com a quantia recebida. Em um segundo momento, a mesma questão foi direcionada aos próprios participantes, solicitando que relatassem o que fariam caso recebessem R$100,00. Essa estratégia possibilitou analisar tanto o que as crianças pensavam que um personagem fictício poderia fazer com a quantia em dinheiro, quanto as escolhas pessoais dos estudantes diante da mesma situação.

Escolhemos o contexto de aniversário, por ser uma realidade próxima da vida das crianças e o valor de cem reais porque para crianças em contextos socioeconômicos distintos, tanto pode representar pouco como pode representar muito dinheiro, mas não é uma quantia exorbitante. Como forma de nortear nossa entrevista, elaboramos um quadro com possíveis perguntas e respostas que poderiam ser feitas ao longo do processo. A seguir apresentamos a análise dos dados.

Análise dos dados

Nesta seção, analisamos os dados que foram obtidos por meio das entrevistas realizadas com dez estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. Como forma de preservar a identidade dos participantes e de suas respectivas escolas, utilizamos os seguintes códigos alfanuméricos:

Quadro 1: Quadro alfanumérico usados nas análises

Escola	EA	EB	EC	ED	EE
Estudantes	A1	A1	A1	A1	A1
	A2	A2	A2	A2	A2

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os códigos usados são: EA – Escola A – Valor mais alto de mensalidade; EB – Escola B – valor médio de mensalidade; EC – Escola C – valor mais baixo de mensalidade; ED – Escola D – pública municipal localizada na zona urbana; EE – Escola E – pública municipal localizada no campo/zona rural. Para cada escola, temos o aluno 1 (A1) e o aluno 2 (A2). Nas análises usaremos a combinação dos códigos, por exemplo, EAA1, para o estudante A1 da escola A.

É válido ressaltar que para o Modelo dos Campos Semânticos, a teoria que nos embasa, o método de análise do processo de produção de significados é baseado na tríade: autor, texto e leitor. Sendo assim, os estudantes são concebidos em nosso estudo, como autores, porque são eles que produzem as enunciações; nós (pesquisadores), como os leitores, pois buscamos compreender o que está sendo dito; e o texto (que se configura como o elo de interação entre o autor e o leitor), aparece no momento em que os autores falam. O produzir significados acontece quando o leitor se propõe a fazer uma leitura plausível, ou seja, tentar olhar para o texto (fala) com o mesmo olhar que o autor. Nessa perspectiva, pelo fato de nossa teoria olhar para as enunciações ao longo do processo de produção de significados, em nossas análises trazemos exemplos de falas das crianças. É nessa ótica que desenvolvemos a análise dos dados que apresentaremos a seguir.

O que fazer com cem reais?

Deparar-se com uma situação que exige decidir o que fazer com uma quantia em dinheiro constitui, para muitas pessoas, uma tarefa desafiadora, pois envolve ponderar desejos, necessidades, prioridades e possíveis consequências das escolhas realizadas. No caso das crianças, esse desafio torna-se ainda mais significativo, uma vez que tais decisões mobilizam experiências prévias, valores construídos no cotidiano e noções iniciais sobre o uso do dinheiro.

Com o objetivo de compreender como os estudantes se posicionam diante desse tipo de situação e verificar se haveria mudanças de opinião quando a questão fosse direcionada a eles próprios, a investigação foi conduzida em dois momentos distintos. Inicialmente, os participantes foram convidados a indicar o que acreditavam que Tito, personagem da narrativa apresentada, deveria fazer com os R$100,00 recebidos. Em seguida, a mesma pergunta foi reformulada, solicitando que os estudantes expressassem o que eles próprios fariam caso recebessem a mesma quantia.

A análise dos dados considerou essas duas perspectivas, permitindo comparar as sugestões das crianças oferecidas ao personagem fictício com as decisões pessoais dos estudantes. Para facilitar a compreensão e a sistematização dos resultados, os dados foram organizados em quadros analíticos, nos quais, de um lado, apresentam-se as sugestões relativas às ações atribuídas a Tito e, de outro, as escolhas declaradas pelos próprios participantes sobre o que eles fariam se ganhassem os cem reais. Essa organização possibilita visualizar semelhanças, diferenças e possíveis mudanças de posicionamento, contribuindo para uma análise mais clara das decisões financeiras manifestadas pelos estudantes.

Quadro 2: Respostas dos estudantes sobre o que consideram que Tito, personagem da situação apresentada, poderia fazer com o dinheiro ganho e sobre o que eles próprios fariam se ganhassem o mesmo presente que Tito ganhou

Escola	O que Tito deveria fazer	O que eles fariam
EAA1	É... Eu dizia pra ele ajudar um pouco a família com esse dinheiro e depois gastar com coisas necessárias que ele precisa, como roupas e livros.	Eu vou ser sincera, eu gastaria com comidas e coisas que eu gosto.
EAA2	Eu acho que ele deveria usar o dinheiro com algo necessário, comida e roupa.	Eu ia guardar para comprar alguma coisa depois. E: **Que tipo de coisa?** Eu ainda não sei. **E: Entendi. Você pensa em fazer outra coisa?** Eu... é... Poderia ajudar alguém que está precisando. **E: Que tipos de pessoas seriam essas?** As pessoas carentes.
EBA1	Eu acho que ele deveria guardar o dinheiro para futuras necessidades.	Eu ia guardar todo o dinheiro e ia juntar mais para comprar algo de maior valor, uma penteadeira.
EBA2	Bom, eu acho que ele poderia fazer muitas coisas, mas acho que ele deveria guardar o dinheiro para comprar algo que ele precise, mais na frente.	Eu faria o mesmo que Tito, porque meu computador quebrou, eu preciso de um computador para estudar.

ECA1	Ele deve guardar para quando precisar.	Usaria R$ 20,00 para comprar lanches, tipo salgadinho, biscoito, doces, porque o cinema está fechado. **E com o restante o que você faria?** Quando a escola fosse fazer alguma viagem, por exemplo, ou quando estiver faltando dinheiro.
ECA2	Já que é muito dinheiro, ele deveria guardar.	Eu compraria de alimentos e doaria para as pessoas que não têm o que comer.
EDA1	Ele deveria dividir em duas notas de R$ 50,00 para ele gastar uma e guardar a outra.	Eu ia dar para minha mãe, porque como meu padrasto está desempregado, as coisas aqui em casa estão começando a faltar e com esse dinheiro minha mãe pode fazer uma feira pra gente. Se eu pudesse eu compraria lanche, salgadinho, biscoito, guaraná, chiclete para mim e meu irmão. **E: E porque você compraria essas coisas?** Porque é o que toda criança gosta de comer e eu e meu irmão também.
EDA2	Ele deveria dar a mãe dele.	Eu daria para minha mãe, para ajudar a pagar o aluguel e comprar alguma coisa pra dentro de casa.
EEA1	É... Eu acho que ele podia pegar uma parte desse dinheiro e dar para a mãe dele e o que ficasse ele podia guardar.	Eu ia dar cinquenta reais para minha mãe e os outros cinquenta eu ia guardar pra comprar um celular.
EEA2	Eu acho que Tito deveria pegar uma parte desse dinheiro e guardar.	Eu ia pegar uma parte desse dinheiro e dar para a minha mãe e a outra parte eu iria guardar.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No quadro acima é possível perceber que alguns estudantes (EAA2, EBA1 e EBA2, EDA2, EEA1 e EEA2) produziram significados em direções parecidas com as que foram apresentadas para Tito, para o uso que eles fariam se ganhassem R$ 100,00 e que os demais estudantes (EAA1, ECA1 e ECA2, EDA1), produziram significados diferentes do que pensaram para Tito.

Na fala da EAA1 (escola privada de maior valor de mensalidade) vemos que ao se voltar para Tito, ela afirma que ele deveria ajudar um pouco a família e usar o dinheiro com algo necessário, que nas palavras dela está relacionado à compra de roupas e de livros. No entanto, quando a situação volta-se para ela, EAA1 não hesita em dizer que usaria o dinheiro para comprar lanches e acessórios. Nessa perspectiva, diferentemente do significado produzido para Tito, em que o dinheiro estaria relacionado à compra de produtos necessários, para ela, o dinheiro seria usado para satisfazer um desejo momentâneo, pois, em suas palavras, *"eu não guardaria pra... exatamente uma coisa que eu precisasse, mas sim pra quando eu quiser comer comidas diferentes"* (EAA1).

Sua fala nos faz refletir que a relação produtos necessários *versus* supérfluos é relativa e que no caso dela, pelo fato de sua família suprir as suas necessidades básicas (roupa, alimento, educação, saúde, lazer), o dinheiro seja apenas para atender a algum desejo. Do nosso ponto de vista, usar o dinheiro para atender algum desejo não necessariamente é ruim, pois, uma das características da Educação Financeira que defendemos é a reflexão e não o ensino do que se deve ou não fazer com o dinheiro. Ademais, entendemos que desejos fazem parte da vida e todas as pessoas deveriam ter direito não apenas ao que necessitam, mas também ao que desejam.

Nas enunciações de EAA2, também percebemos que houve semelhanças na forma de produzir significado. Tanto para Tito quanto para ele, o dinheiro deveria ser usado com produtos necessários e, em segundo plano, para ajudar as pessoas carentes. Pelo fato de EAA2 não ter clareza sobre o que comprar, há em suas justificações a ideia de guardar o dinheiro, para não usá-lo com o que é dispensável.

Um ponto que nos chama atenção é que, diferentemente de EAA1, que afirma que usaria o dinheiro para atender a um desejo momentâneo, como a compra de lanches, percebemos nas ações enunciativas de EAA2, que não há espaço para tal atitude. Ressaltamos que a nossa visão de EF vai além da relação guardar para consumir posteriormente. Essa é uma perspectiva proveniente de instituições bancárias e de consultores financeiros, que buscam incutir nas pessoas que há um caminho "certo" e um "errado" para o uso do dinheiro. Em oposição a essa visão, acreditamos que o ser humano é livre para fazer escolhas e tomar suas próprias decisões, e que o ensino da EF deve estar baseado em uma visão humanística, na qual os estudantes são construtores do seu conhecimento e são sujeitos críticos e reflexivos, sobre o mundo e sobre tudo o que os cerca, incluindo as situações de ordem social e financeira.

Nos significados produzidos por EBA1 e EBA2 (da escola de valor médio de mensalidade) vemos que não houve mudanças na forma de produzir significado. Tanto para Tito quanto para elas próprias, o uso do dinheiro está relacionado ao atendimento das necessidades e/ou dos desejos de longo prazo. No caso de EBA1, usar o dinheiro para comprar uma penteadeira representa a realização de um desejo, pois, ao ser perguntada sobre o motivo que a faz querer uma, ela responde: "*porque eu quero ter uma, acho linda e também é onde eu posso guardar as minhas atacas de cabelo, meus batons, brincos, meu estojo de maquiagem*" (EBA1).

Diferentemente de EBA1, o significado de usar o dinheiro para EBA2 está baseado no fato de que ela precisa de um computador para estudar.

Nesses dois exemplos, vemos como a relação desejo *versus* necessidade pode estar imbricada quando tratamos sobre o uso do dinheiro, e como ele assume significados diferentes a depender do contexto e de diversos fatores, como, por exemplo, a situação social e financeira, os sonhos, os desejos, a idade, dentre outros. Para alguns, o dinheiro pode ser visto como um bem necessário por permitir realizar sonhos, desejos e necessidades, enquanto que para outros, ele pode ser visto como algo que traz infelicidade. Não nos é facultado o direito de dizer o que as pessoas devem ou não fazer com o dinheiro, mas cabe a nós a responsabilidade de incentivar os estudantes, e as pessoas de um modo geral, a refletirem sobre o seu uso.

Dando continuidade ao que temos observado na fala de ECA1 e ECA2 (da escola de valor mais baixo de mensalidade) também houve mudanças. ECA1 diz que Tito deveria guardar o dinheiro para usar quando precisar, entretanto, quando se trata da forma como ele usaria, ECA1 faz menção à compra de lanches pelo fato do cinema – em virtude do isolamento social – estar fechado.

Percebe-se que o dinheiro assumiu significados diferentes: enquanto no primeiro caso ele deveria ser usado em situações precisas (ditas por ECA1 como as relacionada à saúde e ajuda nas despesas de casa), no segundo, o dinheiro passou a ser destinado para lanches, passeios da escola e, em último caso para ajudar a família. Apesar de ser a mesma situação de EF, há direções distintas: uma que aponta para o que outra pessoa deveria fazer com o dinheiro e uma que mostra o que, de fato, as crianças gostariam de fazer.

Entre todos os estudantes que participaram do estudo, ECA2 foi o único que demonstrou em suas enunciações, que o valor de R$100,00 era muito dinheiro e que, portanto, Tito deveria guardar para usar em situações de emergência (saúde, comida e pagamento de contas). Mas, ao ser perguntado sobre o que faria se ganhasse o mesmo valor de presente, ECA2 não hesitou em dizer que empregaria todo o dinheiro para comprar alimentos e doar para as pessoas que estavam precisando, porque, nas palavras dele, "*eu tenho o que comer o que vestir e onde dormir e muitas pessoas precisam mais do que eu. Muitas pessoas estão na rua, sem poder ao menos tomar um banho e nem têm um lençol quente para dormir"* (ECA2).

Na fala de ECA2, vemos uma perspectiva de Educação Financeira que não está relacionada única e exclusivamente ao cuidar dos gastos e das finanças, mas que fita o olhar para a necessidade do outro e isso é uma das dimensões que defendemos, ou seja, uma Educação Financeira voltada para a cidadania. Assim, concordamos com Muniz (2015) quando afirma que "questões como democracia, justiça social, trabalho escravo, exploração de recursos naturais não renováveis e degradação ambiental são temas transversais e relevantes na concepção de uma EF escolar que contribua de fato para a cidadania" (Muniz, 2015, p. 3). Desse modo, defendemos que o ensino da EF não esteja atrelado puramente a uma perspectiva bancária, mas que vá além, com discussões em uma perspectiva cultural, social, política e ambiental.

Nos significados produzidos por EDA1 (escola pública municipal localizada na zona urbana) identificamos duas formas de operar. Para Tito, EDA1 afirma que ele deveria dividir os R$100,00 em duas notas, para ele gastar uma e guardar a outra. Quando se trata da forma como ele próprio gastaria o dinheiro, suas ações enunciativas apontam para a necessidade de dar o dinheiro à sua mãe, para que a sua família não pereça diante da falta de alimentos.

Interessante notar que os demais estudantes, EDA2 (estudante da escola pública da zona urbana), EEA1 e EEA2 (estudantes da escola pública municipal localizada no campo/zona rural) continuam produzindo significados na mesma direção e no mesmo núcleo. Tanto para Tito quanto para o uso que eles mesmos fariam do dinheiro, uma parte deveria ser dada para a mãe e a outra deveria ser reservada. Uma característica que perpassa a produção de significados dos estudantes das escolas públicas municipais é o fato de todos eles trazerem em sua fala a preocupação em ajudar nas despesas familiares, quer seja no pagamento do aluguel, das contas ou na compra de alimentos para a sua família.

O fato de as crianças terem essa preocupação pode estar relacionado tanto à crise econômica advinda da pandemia, que provocou um aumento nos preços dos produtos e um índice elevado de desemprego, atingindo várias famílias, principalmente as de classe menos favorecida economicamente, como também à própria realidade em que esses alunos se encontram, marcada, muita das vezes pela escassez e por dificuldades financeiras.

Diante dos significados produzidos nesta seção, percebe-se que as ações enunciativas dos estudantes - sobre o que eles fariam se ganhassem cem reais - versam sobre quatro aspectos, a saber: comprar lanches, guardar para uso posterior, doar para pessoas em contexto de

vulnerabilidade social e ajudar nas despesas familiares. Nessa perspectiva, com o intuito de sistematizar o que observamos, apresentamos no Quadro 3 uma síntese dos significados produzidos pelos estudantes, por tipo de escola.

Quadro 3: Significados produzido pelos estudantes por tipo de escola sobre o que fariam se recebessem cem reais

O que fariam os estudantes se ganhassem R$ 100,00	**EAA1**	**EAA2**	**EBA1**	**EBA2**	**ECA1**	**ECA2**	**EDA1**	**EDA2**	**EEA1**	**EEA2**	**Total**
Comprar lanches	X				X		X				3
Guardar para uso posterior		X	X	X							3
Doar para pessoas em vulnerabilidade social		X				X					2
Ajudar nas despesas familiares							X	X	X	X	4

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com base no quadro acima, percebemos que os estudantes apresentam distintos significados quando se trata da forma como eles utilizariam o dinheiro. Para os que estudam na EA, com valor de mensalidade mais alta (EAA1 e EAA2), o uso do dinheiro está relacionado tanto à perspectiva do guardar para um consumo posterior, quanto para atender a um desejo momentâneo e/ou para ajudar as pessoas carentes. Em contrapartida, para aqueles que estudam na EB, com valor de mensalidade médio (EBA1 e EBA2), o dinheiro é visto como um bem necessário, capaz de realizar desejos e necessidades e que, portanto, deve ser guardado para utilizar posteriormente. Para os que estudam na EC, com valor de mensalidade mais baixo (ECA1 e ECA2), o dinheiro pode ser usado para ajudar as pessoas, como também para comprar lanches. Para aqueles que estudam na ED (EDA1 e EDA2) e na EE (EEA1 e EEA2), escolas públicas municipais, o dinheiro deveria ser usado para ajudar nas despesas familiares e eventualmente comprar lanches.

Interessante perceber como a compra de lanches assume significados diferentes a depender do contexto e de quem fala. No quadro é possível observar que três estudantes (EEA1, ECA1 e EDA1) expuseram os lanches como uma forma de usar o dinheiro. Em uma primeira vista, poderia parecer natural eles apresentarem esse tipo de comportamento, por serem crianças. No entanto, quando fazemos a leitura plausível dos significados produzidos, percebemos que enquanto para EEA1 e ECA1 os lanches são vistos como algo que faz parte do cotidiano, para EDA1 eles não fazem parte da realidade. Em sua fala, vemos que o desejo de ajudar a família (que está passando por dificuldades) se sobrepõe a qualquer desejo que uma criança pode ter. Em situações como essas, vemos que o dinheiro assume significados diferentes a depender do contexto em que a pessoa está inserida.

Ao mudarmos o nosso foco de interesse, e confrontarmos os estudantes sobre o que eles fariam se ganhassem R$100,00 de presente, observamos que em alguns casos houve mudança na forma como eles operaram e produziram significados. Uns continuaram com a cultura do poupar, da economia e da aquisição de produtos, enquanto outros operaram em uma lógica de ajudar ao próximo, bem como a sua família.

Sobre a maneira como os indivíduos operam no interior de uma atividade, Muniz (2016), destaca que “na observação dos núcleos, numa dada atividade, podemos identificar a maneira de operar dos sujeitos bem como a lógica das operações ligada ao processo de produção de significados para um texto” (Muniz, 2016, p. 144). Muito embora não estejamos lidando com operações matemáticas propriamente ditas, observamos que os estudantes, ao tomarem suas decisões e darem um rumo para o seu dinheiro, não se pautaram pela lógica de fatores matemáticos como ganhar ou perder e poupar para lucrar.

Considerações finais

Com base nas análises realizadas, é possível afirmar que embora os estudantes tenham operado na mesma direção, há em suas ações enunciativas, diferenças que provêm do seu contexto e de sua realidade socioeconômica. Vimos, por meio das análises, que há sentidos diferentes em suas justificações e esse fato está fortemente relacionado às suas vivências

pessoais, pois, os contextos socioeconômicos distintos e as experiências variadas com o dinheiro refletiram na forma como os estudantes produziram significados.

A análise nos mostrou que enquanto os estudantes da EA (de valor mais alto de mensalidade) produziram significados para o uso do dinheiro, relacionando-o à compra de produtos necessários e para um uso posterior, os estudantes da EB (de escola com valor médio de mensalidade), trouxeram em suas enunciações o uso do dinheiro como forma de atender a um desejo e a uma necessidade, os estudantes da EC (de escola com valor mais baixo de mensalidade), para diversão e para ajudar as pessoas, e os da ED e EE (escolas públicas das zonas urbana e rural) apresentaram uma sensibilidade e uma preocupação maior em ajudar nas despesas familiares. Por isso que dizemos que embora tenham operado na mesma direção, a produção de significados foi diferente, pois, os alunos transpuseram elementos de suas vivências pessoais para suas enunciações.

Diante dos resultados obtidos, conclui-se que os estudantes apresentam uma compreensão significativa sobre o uso do dinheiro, construída a partir de suas vivências e experiências cotidianas. Tal evidência reafirma o papel central da EF, conforme preconiza a BNCC, como elemento essencial para o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da responsabilidade nas tomadas de decisão. Desse modo, o estudo reforça a necessidade de ações pedagógicas intencionais e contextualizadas, capazes de transformar experiências individuais em aprendizagem com sentido e contexto, contribuindo para a formação de pessoas conscientes, críticas e preparadas para lidar com escolhas financeiras ao longo da vida.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: versão final. MEC, Brasília, 2018.

CALAZANS, Di Paula Prado; SILVA, Daniela Oliveira Vidal da; NUNES, Cláudio Pinto. Desafios e controvérsias da Base Nacional Comum Curricular: a diversidade em questão. **Revista e-Curriculum**, *[S. l.]*, v. 19, n. 4, p. 1650–1675, 2021. DOI: 10.23925/1809-3876.2021v19i4p1650-1675. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/50874. Acesso em: 28 jan. 2026.

LINS, Rômulo. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A.V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática:** concepções e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 75-94. (seminários & Debates)

LINS, Rômulo. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações. In: ANGELO, Claudia Laus [et al.] (orgs.). **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história.** São Paulo: Midiograf, 2012, p. 11- 30. Disponível em: http://sigma-t.org/permanente/2012.pdf. Acesso em 28 dez. 2019.

LUSARDI, Annamaria. Financial Literacy and the Need for Financial Education: Evidence and Implications. **Swiss Journal of Economics and Statistics**, v. 155, n. 1, p. 1–8, 2019. DOI:10.1186/s41937-019-0027-5.

MANDELL, Lewis**.** The Financial Literacy of Young American Adults: Results of the 2008 National Jump$tart Coalition Survey of High School Seniors and College Students. **Jump$tart Coalition for Personal Financial Literacy,** 2008. views.smgww.org

MAZZI, Lucas Carato. HARTMANN, Andrei Luís Berres. PESSOA, Cristiane Azevedo dos Santos. Educação Financeira e Justiça Social: reflexões no âmbito da Educação Matemática - **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 38, e240044, 2024.

MUNIZ, Ivail. Situações Financeiras e Ambientes de Aprendizagem: Perspectivas para o Ensino Médio. In: **Boletim do LABEM**, ano 6, n. 10, jan/jun de 2015

MUNIZ, Ivail. **Econs ou Humanos?** Um estudo sobre a tomada de decisão em Ambientes de Educação Financeira Escolar. 2016. 411 f. Tese (doutorado em Engenharia de Produção) – Instituto Alberto Luiz Coimbra da UFRJ, Brasil, 2016.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à educação matemática crítica**. Trad. de Orlando de Andrade Figueiredo. Campinas: Papirus, 2014.

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica**: a questão da democracia. Trad. de Abgail Lins e Jussara de Loiola Araújo. Campinas: Papirus, 2001.